

## O EXCLUSIVISMO ABERTO DE GOTTFRIED BRAKEMEIER: UM BREVE EXAME CONCEITUAL

WINGERT, Diego dos Santos.<sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho apresenta uma breve análise bibliográfica de uma das obras do Dr. Gottfried Brakemeier, intitulada: *Preservando a unidade do espírito no vínculo da paz*. Através desta publicação procurou-se tratar de forma direta e objetiva a significativa questão do diálogo inter-religioso na contemporaneidade a partir de uma variação da ótica cristã de matiz Excluvista, sendo esta uma das mais importantes posturas clássicas do posicionamento soteriológico cristão. A interpretação desenvolvida nesta pesquisa se constrói a partir do capítulo XIV da referida obra, onde iniciamos por uma análise da compreensão de Brakemeier a respeito de um tema tão saliente atualmente no meio teológico cristão: o diálogo inter-religioso. Na segunda seção analisou-se especificamente o ponto central dessa pesquisa, a tese de Brakemeier denominada de EXCLUSIVISMO ABERTO, e suas implicações para o diálogo inter-religioso. Por último, concisamente, se examinou uma postura crítica de outro autor de origem confessional Luterana; Dr. Paulo Nerbas – defensor do Excluvismo cristológico clássico – apresenta deficiências na proposta de Brakemeier, desta forma, analisamos sua posição na perspectiva de trazer contribuições a esta pesquisa. Desta maneira procurou-se, laconicamente, estabelecer uma interpretação justa e ordenada da posição teológica de Brakemeier que visa o desenvolvimento de fatores dialogais entre as religiões na atualidade.

Palavras-chave: Excluvismo. Brakemeier. Diálogo Inter-religioso.

### INTRODUÇÃO

O tema do diálogo inter-religioso tem se robustecido e se agregado aos mais variados círculos teológicos, a ponto de não poder mais ser tratado como um assunto secundário, muito menos anormal a qualquer realidade confessional da atualidade, especialmente no tange o

---

<sup>1</sup> Teólogo graduado pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA); mestrando do programa de pós-graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), bolsista CAPES/PROSUP. E-mail: diego.wingert@acad.pucrs.br

ocidente que ainda é majoritariamente cristão. Elementos de constituição da unidade e comunhão cristã que se apresentam até nossos dias robustecidos em sua historicidade de Fé, hoje, parecem ser oferecidos a outros segmentos que até pouco tempo atrás eram anatematizados com base nos mesmos recursos de doutrina. O meio acadêmico parece já ter assimilado essa “passagem” para a nova era de diálogo, ou até mesmo, para uma nova concepção do que seria a constituição da *ecumene* gerada e mantida pelo Criador. Entretanto, as distâncias pelas quais percorrem os “anúncios” feitos nas academias, sínodos, convenções e outros meios de intelectualização confessionais cristãs até seus alvos – entenda-se, as comunidades de Fé – normalmente fazem com que esse processo seja longo e problemático, isso devido as mais variadas circunstâncias que envolvem as diversas realidades humanas que as constituem. Deste modo, obstáculos se criam na tentativa de se desenvolver vias de comunicação externas, porém, meios criativos surgem na perspectiva de demovê-los.

Desta maneira, encontramos na atualidade uma diversidade ampla dentro da perspectiva de como devemos (o cristianismo) interagir com o outro, com o estranho a nós, pois este pertence a outra religião que não é cristã. A questão soteriológica envolvendo a figura de Jesus Cristo é determinante nesse debate, a partir dela nasce posições já estabelecidas de como classificar o procedimento cristão (Exclusivismo, Inclusivismo e Pluralismo), e de como tratar/interagir com o confessor “pagão”. Neste espaço analisaremos uma tese alternativa da religião cristã definida como EXCLUSIVISMO ABERTO, mais conhecida dentro da análise teológica confessional Luterana, desenvolvida por um proeminente Professor, Doutor em teologia, chamado Gottfried Brakemeier<sup>2</sup>, sendo apresentada em sua obra intitulada *Preservando a unidade do espírito no vínculo da paz através do capítulo XIV (Diálogo inter-religioso – macroecumenismo?)* da mesma, onde desenvolve o respectivo conceito de caráter alternativo, sendo este espaço textual a base bibliográfica para essa pesquisa.

O presente artigo se desenvolve em três seções principais. A primeira trata da concepção de Brakemeier a respeito de como deve se desenvolver o diálogo inter-religioso a partir de uma correta postura cristã para com as demais religiões. A segunda aborda a definição do conceito de EXCLUSIVISMO ABERTO proposto por nosso autor, assim como sua compreensão de quê este pode ser um meio alternativo para o começo e/ou regaste de uma postura dialogal sadia entre os participantes de uma futura *ecumene* inter-religiosa. Por último, abordou-se a respeito de uma posição crítica para com Brakemeier e sua tese, onde visou-se

---

<sup>2</sup> Gottfried Brakemeier, nasceu em Cachoeira do Sul/RS, Brasil, em 04 de janeiro de 1937. É teólogo luterano de origem teuto-brasileiro; Doutor Honoris Causa (2006) na Escola Superior de Teologia (EST) de São Leopoldo/RS; ex-presidente do Conselho Nacional de Igrejas e da Federação Luterana Mundial.

apresentar uma posição Excluvista de fatores clássicos, por se entender como uma descrição agregadora dentro do contexto pesquisado, o qual (Excluvismo) é referendado de forma primacial por Brakemeier em sua construção teológica.

## **1. O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO NA PERSPECTIVA DE GOTTFRIED BRAKEMEIER**

Iniciamos esse item através da síntese que se encontra no capítulo XIV da obra base desta pesquisa, neste apresenta-se a configuração a respeito do diálogo inter-religioso na concepção do Dr. Gottfried Brakemeier. Cabe afirmar desde o início que esta é uma postura aberta e ampla na tentativa de se chegar a condições elementares para a construção dos meios necessários para se desenvolver pontes de acesso para uma inevitável relação entre diferentes segmentos religiosos que já se materializam no contexto histórico atual, além de exporem a necessidade de um "Projeto de Ética Mundial"<sup>3</sup> – ideia que se encontra como proposta no pensamento de Küng, inclusive como título de uma de suas obras, o qual acaba por influenciar de maneira determinante o pensamento de Brakemeier, levando-o a desenvolver uma elaborada proposta para o diálogo inter-religioso na contemporaneidade.

É fato pacífico que os elementos (demandas) humanos no período atual atribuem ao sistema social vigente – especialmente no ocidente – uma ruptura drástica com padrões conservadores/institucionais, que inclusive, fazem sucumbir parâmetros que até então eram absolutamente sólidos, um exemplo disso são os movimentos laicistas na atualidade ocorridos principalmente no continente europeu. Na visão de Brakemeier, o efeito de um mundo globalizado que adentrou ao terceiro milênio expõem uma das mais viscerais relações do ser humano para com o seu meio ambiente, este é um meta-conceito que se apresenta como à "urgência atribuída"<sup>4</sup> a todas as coisas, ocorrendo em todas as esferas de relação, onde todos necessitam dar uma resposta há uma infinidade de coisas que os cercam, e obviamente a Igreja também necessita responder a essa demanda, pois ela é um “agente” de caráter psico-social-religiosa.

Brakemeier salienta que na história de forma geral vemos que a religião – independentemente de seu tipo ou confessionalismo – pode "potenciar os conflitos em vez de

---

<sup>3</sup> BRAKEMEIER, 2004, p. 113.

<sup>4</sup> *Ibid*, p. 113.

debelar as chamas das fogueiras"<sup>5</sup>, sendo essa máxima ainda mais latente para o contexto ocidental quando se examina a história eclesiástica (cristã em geral), sendo assim, nosso autor passa a enfatizar dois pontos que tratam da questão inter-religiosa em meio ao certame cristão: primeiro, este não pode mais se esquivar desse diálogo, e até de uma real e clara abertura para o mesmo; segundo, é indispensável que o cristianismo se coloque em uma postura de modéstia, onde se apresentará para essa relação como um igual, ou seja, fora de uma postura de superioridade, nisso, para não deixar dúvidas, Brakemeier de maneira conceitualista apresenta sua posição ao dizer que o cristão/cristianismo: "Deve arranjar-se com o estranho, assumir posição e buscar formas de convivência"<sup>6</sup>. Desse modo, nosso autor conclui de forma introdutória, que o cristianismo sistematicamente passa para uma escalada ascendente onde não pode mais analisar simplesmente sua tradição e há relação desta com os meios definidos parcamente como seculares, mas deve passar condicionalmente a uma postura de abrir-se a um exame *extra muros* onde possa analisar o mundo que, já e agora, é "plurirreligioso e multicultural"<sup>7</sup>.

Indispensável ainda nesse item é expor a interrogação levantada por Brakemeier quanto a necessidade real de abrir-se a *ecumene* cristã ao diálogo inter-religioso. Mesmo havendo clareza na forma de Brakemeier pensar a proposta de uma abertura dialogal inter-religiosa, o mesmo salienta que há "quem insista em não confundir ecumenismo (**relação intracristã**) com diálogo inter-religioso"<sup>8</sup>, pois seriam coisas absolutamente diferentes; a partir desse entendimento se prosseguiria na concepção linear de que a interação com religiões de essência diferente do cristianismo deveria permanecer no âmbito meramente político. Entretanto, Brakemeier pergunta se cabe autenticar a "exclusão dos pagãos da comunhão ecumênica"<sup>9</sup>, propondo que uma elementar questão surge sempre que se apresenta a controvérsia, essa se desenvolve através de um axioma teológico cristão que exige um reconhecimento de caráter problemático para a tese dos excludentes na ótica do autor, o de quê: todo o ser humano é criatura de Deus!

Cabe ressaltar que para Brakemeier é pertinente e necessária a divisão existencial entre o cristianismo e as demais religiões, e a partir disso também se torna necessário aplicar uma

---

<sup>5</sup> BRAKEMEIER, 2004, p. 113.

<sup>6</sup> *Ibid*, p. 113.

<sup>7</sup> *Ibid*, p. 113.

<sup>8</sup> *Ibid*, p. 113, grifo nosso.

<sup>9</sup> *Ibid*, p. 114.

clara metodologia de expressão linguística para propor esta relação. O mesmo enfoca uma perspectiva de perfeição na revelação cristã há qual salienta o amor Divino registrado na criação humana (imagem e semelhança do criador) e na obra vicária de Cristo, como fatos que na *ecumene* cristã emolduram um límpido retrato de comunhão por excelência, onde enobrece a ideia de que as esferas da "*ecumene cristã e a ecumene inter-religiosa*"<sup>10</sup> não podem ser confundidas, e sim, devem ser distinguidas. Porém, termina por frisar que os limites do ecumenismo devem ser propostos para além das fronteiras do cristianismo, usando de uma base Escriturística para evidenciar sua tese (*Salmos* 24.1).

Um dos pontos de vista de Brakemeier chama atenção nesse contexto. O autor aponta como inevitável a realização de um “confronto” entre as religiões devido as **comparações**<sup>11</sup>, o que para ele acentuará positivamente o relacionamento do mundo cristão para com a realidade vivencial das demais religiões, pois isso irá “situá-las no universo da fé”<sup>12</sup> cristã. Brakemeier prossegue em tentar estabelecer um compasso de unidade bem elaborado na visão de construir meios de ligação para uma aproximação de seres humanos – entenda-se pela conjuntura: crenças, ideais, instituições, projetos, sonhos, etc. – que são diferentes, mas ao mesmo tempo semelhantes na visão do autor, nisso vale a pena ouvir o próprio Brakemeier: “Uma tal teologia procuraria ver as religiões em conjunto, articulando suas diferenças e semelhanças à procura de um denominador comum. Vai sondar possibilidades de entendimento e afinidades com a fé cristã.”<sup>13</sup>. Entretanto, devido a realidade atual o mesmo não se permite iludir, pois conhecendo o cenário eclesial nesta temática e seu conjunto de valores, sabe que o processo de abertura será lento e passará por imensas dificuldades em diversas ordens, que não deixam de ser elementares em seu desenvolvimento, a ponto de Brakemeier prever uma possível e provável refutação ao seu plano de comunicação inter-religiosa, onde o mesmo lembra que acusações de sincretismo religioso sempre se oferecem de maneira latente e também iminente (como algo preconcebido) neste cenário. Desta forma, devidas as circunstâncias, o mesmo instiga seu leitor com uma pergunta retórica em sua construção textual: isso realmente pode acontecer (acusação de sincretismo)?

A resposta de Brakemeier obviamente é sim – como possivelmente também seria a da maioria dos pesquisadores da área da teologia – para um possível perigo de sincretismo

---

<sup>10</sup> BRAKEMEIER, 2004, p. 114.

<sup>11</sup> Grifo nosso.

<sup>12</sup> *Ibid*, p. 115.

<sup>13</sup> *Ibid*, p. 115.

religioso. Entretanto, de forma praticamente melindrosa, Brakemeier ressalva que existe na atualidade significativas indicações no meio teológico cristão que apresentam princípios para se caminhar em direção aquilo a qual ele define como “ecumenismo inter-religioso”<sup>14</sup>. Procurando eliminar possíveis receios que podem retardar ainda mais esse avanço dialogal pretendido, o mesmo descreve três posições a serem seguidas e preservadas pela Igreja em seu diálogo inter-religioso. Inicialmente, o mesmo parte do pensamento de Küng quando cita uma de suas frases de cunho absolutamente imperativo, este diz: “Sem paz entre as religiões não haverá paz entre os povos”<sup>15</sup>. Na concepção de Brakemeier, Küng ao escrever deixa claro que um entendimento de unificação religiosa se torna cada vez mais necessário para o mundo contemporâneo, não sendo possível mais apenas se buscar tolerância, mas sim um real consenso relacional na diversidade religiosa. O próximo passo ganha um caráter mais “provocativo” por parte de Brakemeier, nisso, ler o próprio autor é fundamental:

O tempo dos “absolutismos” passou. Já não tem crédito quem se porta como dono da verdade. Sociedade plural não admite o autoritarismo de quem quer que seja. Mas, como evitar o perigo do relativismo? Ecumenismo inter-religioso deve trilhar a senda estreita entre fundamentalismo e relativismo. Ambos são perigosos. Como afirmar a verdade cristã em meio ao pluralismo moderno?<sup>16</sup>

Nota-se uma clara preocupação para com a pureza, retidão e clareza da mensagem evangélica na proposta de Brakemeier, porém, realça-se na oração acima um enfático combate a possíveis **sentidos e estados**<sup>17</sup> de qualquer padrão imperioso por parte da postura cristã em frente a outras religiões. Qualquer posição despótica não pode mais encontrar guarida nas esferas do ideário cristão para Brakemeier, nessa projeção, a última posição do autor se apresenta e se estabiliza ao afirmar que o mundo de então passa por sérias ameaças a paz e harmonia dos povos em suas relações sociais, nas quais as vivências e práticas religiosas acentuam essa discussão, pois disputas (inclusive bélicas) ainda são muito comuns, ceifando milhares de vidas na atualidade por “causa” da religião, o que faz Brakemeier expor a ideia de uma iniciativa coletiva de ordem global para resolver problemas de caráter humanitário, assunto que não trataremos especificamente neste artigo por exceder nossa proposta.

---

<sup>14</sup> BRAKEMEIER, 2004, p. 115.

<sup>15</sup> KÜNG *apud* BRAKEMEIER, *Ibid*, p. 115.

<sup>16</sup> *Ibid*, p. 116.

<sup>17</sup> Grifo nosso.

Após examinarmos de forma indicativa a construção conceitual do autor a respeito do tema do diálogo inter-religioso, nos limitando apenas a elaborar uma descrição concisa de um assunto extenso e difícil para a história e principalmente para o momento atual da Igreja – no qual abundam diversas teses, sendo algumas deveras problemáticas –, passamos então ao desenvolvimento do tema proposto por Brakemeier exposto na bibliografia base dessa pesquisa, onde o conceito definido por ele como EXCLUSIVISMO ABERTO passa a ser nosso assunto no próximo item.

## **2. A DEFINIÇÃO DE EXCLUSIVISMO ABERTO, E SUA APRESENTAÇÃO COMO SOLUÇÃO PARA ENTRAVES NO DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO**

Devemos iniciar essa parte do trabalho citando algo que ainda não aplicamos com clareza em nossa exposição – mesmo que o assunto esteja sempre exposto neste debate ainda que de forma implícita. Falamos da questão soteriológica que envolve a fé cristã, em nosso caso específico surge naturalmente a seguinte pergunta: qual seria a valor salvífico das demais religiões que não confessam a Jesus Cristo como o Filho de Deus, que ressuscitou dos mortos, e é o único autor/mediador de um processo salvífico para com a humanidade? Brakemeier não passa despercebido a essa importante questão teológica em sua construção temática, utilizando-se de uma breve exposição dos três postulados principais sobre a importância salvífica da figura de Jesus Cristo na análise teológica atual. Manifestamos sinteticamente sua leitura dessas posições, por entender que isso será relevante para a construção do restante de nossa proposta:

O *exclusivismo*. Para ser salvo é preciso ser cristão. A perspectiva é *eclesiocêntrica*. É a posição do *confronto*. [...] O *inclusivismo*. Sustenta, porém, que Jesus Cristo atua também fora da igreja, ainda que de maneira oculta e anônima. É a posição da *harmonização*. [...] O *pluralismo*. Acredita que também outras religiões conduzem a Deus. A perspectiva é *teocêntrica*. É a posição da *parceria*.<sup>18</sup>

Ainda mais relevante é examinarmos a compreensão de Brakemeier quanto as posturas tradicionais expostas acima. O autor dirá que problemas estruturais se depositam nas posições normalmente assumidas nesse debate. Inicia sua descrição utilizando-se do método de perguntas retóricas onde visa instigar seus leitores a uma posição crítica ao modelo exclusivista clássico, apresentando-o como inconveniente ao descrevê-lo como autoritário, nosso autor se manifesta dizendo que na visão destes exclusivistas à salvação se torna um monopólio do

---

<sup>18</sup> BRAKEMEIER, 2004, p. 116.

cristão, e levanta a seguinte interrogação quanto a isto: seria um “privilegio exclusivo dos cristãos e que ela se prende à esfera da igreja e seus fiéis?”<sup>19</sup>; quanto ao inclusivismo, crítica a postura histórica de Karl Rahner afirmando que tal conceito leva a uma imposição regulatória dos valores humanos, porque transforma “pessoas de boa vontade em ‘cristãos anônimos’”<sup>20</sup>; por último, volta sua apreciação ao pluralismo que recebe a mais clara refutação por parte do autor, isto devido a sua oposição ao testemunho bíblico que causa a desconfiguração e relativização da figura teológica de Jesus Cristo, o que para Brakemeier significa “renúncia à afirmação da verdade.”<sup>21</sup>. Logo, notamos que para nosso autor as três posições em suas formas clássicas não podem viabilizar de maneira satisfatória a demanda que surge em meio ao cristianismo para com a necessidade de se construir as bases para um diálogo inter-religioso, e/ou não são viáveis para formar uma concepção de *ecumene* inter-religiosa. A partir dessa verificação Brakemeier irá propor outra interrogação de caráter penetrante, isso devido sua constatação da incapacidade de resposta das posturas tradicionais, assim ele questiona se existe a possibilidade de um caminho alternativo aos expostos de maneira ordinária, inquirindo seus leitores da seguinte forma: “Como fugir do fanatismo, exclusivista e autoritário, de um lado, e o indiferentismo relativista, desinteressado em algo como normatividade universal, de outro?”<sup>22</sup>.

Devido a tal sentença, Brakemeier iniciará sua proposta (tese) a respeito do EXCLUSIVISMO ABERTO partindo de uma afirmação de caráter axiomática, sendo o termo Exclusivismo seu alvo nessa asserção. Brakemeier, seguindo inicialmente algumas tendências atuais salienta que todas as religiões são exclusivistas em seu *modus operandi*<sup>23</sup> o que no entendimento do mesmo não é algo pejorativo, pelo contrário, é uma afirmação identificativa das “verdades” elementares de cada religião, sendo a exclusividade de cada religião seu ponto de equilíbrio para a macroconjuntura humana. Quanto ao cristianismo, Brakemeier é enfático ao afirmar que o credo cristão necessita manter sob qualquer circunstância ou ameaça à “exclusividade de Jesus Cristo como caminho, verdade e vida (Jo 14.6)”<sup>24</sup>, enfatizando que renunciar a isso é renunciar todo o cristianismo. A pavimentação de seu desenvolvimento

---

<sup>19</sup> BRAKEMEIER, 2004, p. 117.

<sup>20</sup> *Ibid*, p. 117.

<sup>21</sup> *Ibid*, p. 117.

<sup>22</sup> *Ibid*, p. 117.

<sup>23</sup> Ver capítulo 15 (*Todas as religiões são verdadeiras*), da obra *Teologia do pluralismo religioso. Para uma releitura pluralista do cristianismo* de José Maria Vigil.

<sup>24</sup> *Ibid*, p. 118.



textual acaba por encontrar-se sempre com a proposta de diálogo almejada em sua consciência, mesmo não permitindo que os seus (e dos demais) princípios/valores/dogmas de fé sejam atingidos; Brakemeier novamente evidencia que o diálogo deve continuar e/ou começar sempre no respeito mútuo, que sustenta as exclusividades, e a partir de uma renúncia à posturas relativizantes poderá fazer a aproximação tão esperada das religiões.

Passemos agora a descrição da tese do Dr. Brakemeier intitulada de EXCLUSIVISMO ABERTO, a qual, já de início recebe alguns esclarecimentos técnicos do autor, entre os quais: o de não conseguir eliminar todos os problemas situacionais desse complexo tema; nem tampouco busca ser um axioma livre de problemas epistemológicos oriundos da mesma complexidade. Entretanto salienta que é possível formar algumas ideias bases, para isso utiliza de cinco pontos norteadores, os quais devem atuar paradigmaticamente na construção desse conceito, os quais a seguir procuraremos interpretar com esmero.

Inicialmente Brakemeier coloca em questão o sentido epistemológico do termo “salvação” visando clarificar que todas as religiões procuram “salvar” o ser humano de algo. Desta forma nosso autor relativiza o termo por entender que cada contexto religioso já o faz na íntegra, pois não o interpreta da mesma forma. Assim, em seu entendimento cabe-nos levar a proposta dialogal inter-religiosa para o mesmo viés, onde os problemas de caráter humanitário recebem o sentido do efeito pretendido pela abordagem de comunicação, ou seja, claramente Brakemeier propõem não se dialogar no âmbito teológico, e sim no antropológico e social com as demais religiões. Notamos isso em sua afirmação criteriosa: “o diálogo inter-religioso deve iniciar pelo diagnóstico das enfermidades deste mundo, não pela terapia.”<sup>25</sup>.

O segundo expoente na montagem de sua tese se constrói na afirmação de que todas as religiões – incluindo o cristianismo em qualquer uma de suas confissões – digladiam-se com suas “enfermidades”, pois apresentam continuamente erros e acertos que salientam suas ambivalências comportamentais; nesse ponto notamos que está proposto implicitamente um chamado a tolerância, isso porque independentemente do sujeito (religião) com quem se interage, todos (a começar por mim – Igreja) apresentamos falhas. Entretanto, salta aos olhos nesse contexto o conceito de Exclusivismo para Brakemeier, isso deve-se a sua aplicação incisiva contra ideias pluralistas de que a verdade transmitida pelos diversos segmentos religiosos seja igual, e caracteriza como simplistas – oriundos de um intelecto ingênuo ou mal-intencionado – ideias como: “todas as águas jorram de uma mesma fonte”<sup>26</sup>. Brakemeier

---

<sup>25</sup> BRAKEMEIER, 2004, p. 118.

<sup>26</sup> Metáfora de senso comum.

salienta a tolerância na tentativa de apaziguar as ambiguidades religiosas, mas deixa claro que um sadio “ecumenismo se opõe ao relativismo, assim também não é sinônimo de sincretismo.”<sup>27</sup>.

O terceiro argumento repousa nas bases do primeiro no que diz respeito a ênfase devida a esfera antropológica e social do processo de diálogo com outras religiões. Mas ao contrário do primeiro oferece como avaliação crítica para as diversas crenças uma autoanálise de seus parâmetros objetivos. O mesmo utiliza o exemplo dos movimentos pacifistas (que envolvem questões como: racismo, direitos humanos, etc.) que se apresentam nas sociedades modernas recorrendo a exigências dessa envergadura para se alcançar o bem comum da humanidade; aqui celebra seu Exclusivismo ao atestar que cada exercício de religiosidade possui suas particularidades – por exemplo, o cristão não pode recorrer a “paz” sem pregar e manifestar o ministério de seu Cristo – porém, o sucesso dessa empreitada está condiciona a relação inter-religiosa devido a necessidade de todos cooperarem para esse fim em comum. Modelo disto pode ser visto em nosso autor na sua utilização da alcunha “paz” em sentido genérico, quando este foca como exemplo o estabelecimento de um plano em comum para o movimento ecumênico inter-religioso expressa-se da seguinte maneira: “Desde que pretendam socorrer, as religiões deverão responsabilizar-se perante ‘causas salvacionistas’, a exemplo da paz.”<sup>28</sup>

O quarto ponto abordado por nosso autor ganha um ar romantizado – até mesmo estranho para com o perfil textual até aqui abordado. Isso se deve a Brakemeier apresentar uma ideia fundante quase passadista como elemento para fortalecer sua tese. O mesmo parte do pressuposto de que os erros históricos de cada religião não mais importam para o desenvolvimento do futuro da humanidade, além de indicar que os seus representantes (fiéis de forma geral) não mais conseguem viver de maneira real os propósitos/projetos originais de suas confissões, isso devido aos diversos desvios conceituais em suas jornadas. Desta forma, Brakemeier entende que um retorno a “proposta constituinte”<sup>29</sup> de cada religião geraria um estado de auto senso crítico que as levaria necessariamente a um movimento de reforma que restabeleceria valores fundamentais em seu seio, os quais possibilitariam uma nova *praxi* de caráter autêntico (exclusivista) e inovador (ecumênico) para com as religiões. Provavelmente este seja o ponto de maior fragilidade na construção teórica de Brakemeier, simplesmente porque um “retorno” e/ou “resgate” a essas bases fundantes – mesmo que nessas estejam

---

<sup>27</sup> BRAKEMEIER, 2004, p. 119.

<sup>28</sup> *Ibid*, p. 119.

<sup>29</sup> *Ibid*, p. 120.

sobressalentes valores como: o amor, a esperança, a justiça e outros – no que se refere ao tema do diálogo inter-religioso entre as principais religiões do mundo, possivelmente, geraria um distanciamento e não uma aproximação dos sujeitos envolvidos como almeja nosso autor.

Por último Brakemeier desenvolve de maneira muito sólida uma máxima a qual utiliza como uma sentença em sua incrementação textual. Ele parte de uma distinção normalmente não encontrada no pragmatismo religioso, porém evidenciada quando exposta a um exame existencial; no caso da religião cristã em específico, Brakemeier sinaliza com a necessidade de se separar o Sujeito do fenômeno, ou seja, Cristo do cristianismo. Salaria que procedimento similar pode e deve ocorrer de maneira análoga as demais religiões, constituindo uma real separação dos artigos, fatores e elementos envolvidos, sejam de caráter político, filosófico, natural, entre outros, daquilo que seria o constituinte divino para cada religião. Como exemplo para o Exclusivismo cristão, no seu ponto de vista o cristianismo deveria sempre ratificar a mensagem do Deus Filho que encarnou, morreu, ressuscitou, e ascendeu aos Céus em relevância a qualquer outro fato – por mais significativo que tenha sido na história humana – que o cristianismo (institucional) tenha produzido na história, pois Cristo é anterior e superior ao cristianismo como religião. Desse modo ele sugere que o diálogo inter-religioso deve se enriquecer a partir dessa máxima, onde o Exclusivismo próprio de cada crença estará robustecido por uma mais **pura e genuína**<sup>30</sup> mensagem de seus valores de essência *mater*, como também o diálogo ganhara abrangência e autenticidade por não mais ser carregado de constituintes meramente humanos como os descritos acima. Utilizando-se do cristianismo como exemplo para robustecer esse plano, nosso autor escreve: “No diálogo inter-religioso, o que interessa é antes Cristo do que a manifestação histórica, cultural e institucional da fé que nele tem origem.”<sup>31</sup>.

Devemos finalizar essa descrição evidenciando que a tese sugerida pelo Dr. Brakemeier se apresenta como uma percepção intelectual de alto valor teológico para o tema que procura influenciar. O EXCLUSIVISMO ABERTO por ele sugerido como proposta para com o diálogo inter-religioso, apresenta – assim como outras propostas conceituais na atualidade – traços de ineditismo, como também parece repetir alguns conceitos já vigentes. Porém, inovador para uma proposta de “abertura” é seu Exclusivismo acentuado, e até mesmo penetrante em algumas abordagens; um pesquisador independente (não cristão), provavelmente definiria Brakemeier como um “exclusivista tolerante”, ou um “exclusivista politicamente

---

<sup>30</sup> Grifo nosso.

<sup>31</sup> BRAKEMEIER, 2004, p. 120.

correto”, ou ainda um “exclusivista diplomático”, já um cristão exclusivista de postura clássica, o teria possivelmente como um relativista (algo que veremos no próximo item).

De qualquer forma procuraremos descrever sinteticamente e de maneira funcional o pensamento de nosso autor dentro dos passos apresentados acima, visando preservar a ordem e o esquema do próprio autor como também de nossa interpretação. Assim podemos dizer que: Brakemeier é um cristão, que acredita que a salvação se dá única e exclusivamente por Jesus Cristo na pregação das Boas Novas que o anunciam, porém, reconhece que existe um *cosmos* com quem é necessário interagir, onde problemas de toda ordem e tipo se aglutinam, desse modo entende ser necessário comunicar-se com o outro que é diferente dele e dos seus, mas que desejam da mesma forma constituir meios para um fim benéfico comum a todos, nessa situação, nasce a necessidade do diálogo inter-religioso, que para nosso autor deveria gerar um novo estado ecumênico; porém para isso ocorrer é necessário que aja uma nova posição para o diálogo, pois as posturas tradicionais (Exclusivismo, Inclusivismo e Pluralismo) em suas formas clássicas não podem atender essa necessidade dialogal. A partir daqui aplicam-se os pontos por ele elaborados, os quais devem ser postos em prática para esse fim comum, assim: inicialmente devemos reconhecer nossos (humanidade) problemas comuns; segundo, tolerar nossos (religiões) erros históricos; terceiro, partindo de nossas singularidades trabalharmos em conjunto; quarto, resgatarmos nossos valores fundamentais; em quinto e por fim, exaltarmos nossos elementos de Fé para a partir deles fazermos sucumbir o que não é fundamental nessa relação.

Após esse exame que apresentou nossa descrição e interpretação do conceito de EXCLUSIVISMO ABERTO do Dr. Gottfried Brakemeier, se entende como válido apresentar uma crítica como apelo da posição Exclusivista clássica e/ou absoluta, sendo esta balizada no pensamento de outro autor de confissão Luterana, isso para se respeitar a reciprocidade confessional de Brakemeier.

### **3. CRÍTICAS EXCLUSIVISTAS A PROPOSTA DE “ABERTURA” EM BRAKEMEIER**

Torna-se imprescindível iniciar esta análise dentro do contexto base (tese) desse exame, o pensamento de Brakemeier deve continuar orientando objetivamente nossa escalada, sendo assim, cabe-nos considerar o que o autor registra sobre algumas esferas que constituem – ou até mesmo subsidiam intelectualmente – a ampla diversidade confessional e mística do cenário religioso atual.

Essa análise do pensamento de Brakemeier a respeito da diversidade religiosa na contemporaneidade torna-se necessária para que equívocos não sejam cometidos, um entre estes está na possibilidade de se interpretar Brakemeier como um relativista clássico, o que implicaria necessariamente a compreendê-lo fora do Exclusivismo, ou até mesmo apresentá-lo como um teólogo com tendências Inclusivista ou Pluralista. Na tentativa de se evitar tal injustiça, diremos a partir de agora e de forma concisa o que Brakemeier não é. Em um artigo publicado em 2011 junto a revista Teocomunicação, intitulado *A auto compreensão da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) em confronto com o pluralismo social e religioso*, Brakemeier salienta entre outras coisas que a religião de forma genérica (independente do culto professado) resistiu a demanda depreciativa dos augúrios profetizados nos decênios anteriores, porém, dessa batalha emergiu uma nova *praxi fidei* que passou a orientar a vivência religiosa já no Século XX, fato que levou Brakemeier a afirmar que hoje é possível perceber que as pessoas que buscam um caminho religioso, o procuram entendendo que “sua função mudou”<sup>32</sup>.

Desse modo compreende-se através do pensamento de Brakemeier que atualmente vigora um latente, mas sinuoso contexto social-religioso, o qual desenvolveu-se através de embutis e adaptações sincretistas nos últimos decênios da história religiosa do ocidente. Para o autor um apelo amplamente antropológico substituiu a mensagem teológica – mais precisamente a mensagem cristológica. Brakemeier ao tentar orientar-se nessa vastidão pluralista diz que o ser humano na busca de alcançar seus objetivos, anseios, desejos e sonhos acabou por instalar “o princípio do ‘vale tudo’<sup>33</sup>. Onde o individualismo contemporâneo acaba por conduzir o Homem a beber e saciar-se “de muitas fontes, inclusive não cristãs.”<sup>34</sup>. Nesse cenário – o qual pode ser descrito como um claro plano de ação ideológico – que se desenvolve em alguns contextos religiosos dentro de uma doutrina teológica<sup>35</sup>, passa a se abrir a diversas contingências de ordem *pseudo* oblativas que inevitavelmente subvertem “a comunidade cristã”<sup>36</sup>, que como consequência desenvolve um caráter mercantil, pois o que deixa de ser absoluto passa a ser contingencial.<sup>37</sup>

---

<sup>32</sup> BRAKEMEIER, 2011, p. 14.

<sup>33</sup> *Ibid*, p. 14.

<sup>34</sup> *Ibid*, p. 14.

<sup>35</sup> NERBAS, 2016.

<sup>36</sup> BRAKEMEIER, op. cit., p. 14.

<sup>37</sup> NERBAS, op. cit.

De maneira alguma buscamos condicionar a elaborada construção teológica do Dr. Brakemeier ao nosso juízo sobre o tema referente ao diálogo inter-religioso, algo que o mesmo chamou de “ecumenismo inter-religioso”<sup>38</sup>, entretanto, mesmo o autor partindo de uma pacificadora elaboração na tentativa de relação/trato para com os seus “diferentes” – elemento vivido no escopo almejado pela terminologia de EXCLUSIVISMO ABERTO, a qual também abrange uma tentativa real de comunicação com as religiões não cristãs (como visto acima) – é indispensável argumentar sobre a desconexão vista por Brakemeier na distorção de caráter constituinte que o cristianismo exerce como religião para com as demais formas de crença estabelecidas ao redor do mundo, além de também ser necessário frisar sua preocupação para com os movimentos que relativizam a ordem do cristianismo para fora dos seus expoentes dogmáticos.

Portanto, para nós, é possível afirmar que Brakemeier não sucumbe em momento algum a desvios dogmáticos que ponham em risco seu Exclusivismo, pelo contrário, mesmo tolerando amplamente a existência e relação com o diferente e o diverso, ele se apresenta de forma linear como um teólogo afeito a posturas relativistas que levam/desebocam em formas inclusivistas e pluralistas.

Após essa pertinente consideração, cabemos abordar a crítica proposta. O Professor Dr. Paulo Nerbas<sup>39</sup> constrói uma argumentação muito consistente ao analisar a tese de Brakemeier. Nerbas em um de seus trabalhos<sup>40</sup> desenvolve uma exposição acentuada – mesmo que divergente para com Brakemeier em pontos elementares – da relação entre a religião cristã e seu inevitável contato com as demais crenças religiosas na contemporaneidade; seguindo o roteiro anterior, Nerbas afirma que o “ecumenismo inter-religioso não dá lugar a qualquer suspeita de ‘absolutismo religioso’”<sup>41</sup>, perguntando logo a seguir o “que vem a ser isso?”<sup>42</sup>. O próprio segue seu ideário enfatizando criticamente uma postura relativista que na visão de Nerbas nasce dos círculos de diálogos inter-religiosos, onde salienta que a defesa de uma

---

<sup>38</sup> NERBAS, 2016, p. 197.

<sup>39</sup> Paulo Moisés Nerbas, B.A., B.D., M.A., D.D. é professor de Teologia Sistemática no Seminário Concórdia em São Leopoldo/RS e na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) em Canoas/RS; também foi Diretor Geral do Centro Educacional Concórdia (1994-2004) e Coordenador do Curso de Teologia e Filosofia da ULBRA (1994-1998).

<sup>40</sup> Ver capítulo 10 (*Diálogo Inter-religioso e Macroecumenismo*), da obra *Movimento Ecumênico e Diálogo Inter-religioso* de Paulo Moisés Nerbas e Anselmo Ernesto Graff.

<sup>41</sup> *Ibid*, p. 196.

<sup>42</sup> *Ibid*, p. 196.

postura e prática para a formação da hipotética “*ecumene* inter-religiosa”<sup>43</sup> exclui radicalmente qualquer caminho de acesso para aqueles que procuram estabelecer um conhecimento de existência axiomática, que demonstrem e/ou apresentem uma configuração da realidade **em e com**<sup>44</sup> proposições exatas, ou seja, segundo Nerbas nessa posição não se permiti que alguém afirme ter o conhecimento da verdade como um axioma, como algo evidente, como um estado absoluto<sup>45</sup>.

Para Nerbas, até mesmo a tese de Brakemeier passa a ter uma relação problemática para com a postura referente ao diálogo inter-religioso. O mesmo sendo um defensor do clássico exclusivismo cristológico, acessa valores práticos de sua posição que lhe levam a afirmações tais como esta:

Há, porém, e não podemos deixar passar em branco esta observação, o perigo de se cair no relativismo. É inevitável que isso aconteça, caso não se admita a existência de uma verdade apenas, embora os defensores do ecumenismo inter-religioso queiram evitar tal coisa. Buscam encontrar um caminho fundamentado teologicamente que não caia nem no fundamentalismo, nem no relativismo. Isso se aplica principalmente ao “valor salvífico” das religiões que não confessam Jesus Cristo e o rejeitam como revelação de Deus.<sup>46</sup>

Vale ressaltar que este quadro (em específico) de propriedades sentenciais descrito por Nerbas não corresponde a tese de Brakemeier (descrita acima), onde ambos divergem especialmente na forma e apresentação do cenário proposto quanto a postura que o cristianismo deve assumir no diálogo inter-religioso. Porém, vale ressaltar ainda o que Nerbas definiu como um ponto de ruptura da tese de Brakemeier ao exclusivismo em sua forma clássica<sup>47</sup> (cristológica), Nerbas escreve:

Interessante destacar que o Dr. Brakemeier deixa fora de sua proposta o exclusivismo puro e simples, **o que nos leva a concluir que não cabe no ecumenismo inter-**

---

<sup>43</sup> NERBAS, p. 196, grifo nosso.

<sup>44</sup> Grifo nosso.

<sup>45</sup> NERBAS, op. cit.

<sup>46</sup> *Ibid*, p. 196.

<sup>47</sup> Cabe frisar que tanto para Brakemeier como para Nerbas a postura teológica definida como Exclusivismo, tem ascendência cristológica e não eclesiológica como normalmente se vê descrita na linguagem teológica Católica Apostólica Romana, não incorrendo na perspectiva dos autores descritos, que em algum momento suas teses sejam configuradas como uma posição relacionada ao Inclusivismo; para um exame da posição eclesiológica ver: capítulo 1/Delineamento do problema, da obra *O diálogo das religiões* de Andrés Torres Queiruga.

**religioso a exclusividade da salvação tão somente por meio da fé em Jesus Cristo,** ou seja, dentro somente da igreja cristã, pois lá está Jesus e aqueles que seguem sua voz como o bom pastor que conduz à salvação.<sup>48</sup>

Por fim, encontramos na descrição do Prof. Nerbas a possibilidade de se fazer uma construção epistemológica interessante, pois o termo “ABERTO” cunhado juntamente a EXCLUSIVISMO por Brakemeier tem relevância existencial e lógica para o mesmo, como também para o cenário humano que visa abarcar. Nerbas frisa que para “o Dr. Brakemeier, o exclusivismo aberto é atraente porque tem um compromisso com a tolerância. O exclusivismo aberto concede ao parceiro de diálogo o direito à diferença, mesmo não concordando com a posição alheia.”<sup>49</sup>. A partir disso o exclusivista Nerbas vê outro contraponto elementar saliente na tese de Brakemeier; na visão de Nerbas, o leitor envolto por uma descrição elaborada, passa a fazer uma leitura divagante da mesma, assumindo uma conduta inapropriada para com análise que deve haver referente aos “polos” (Exclusivismo e Pluralismo) em questão, pois a descrição de uma postura definida como “ABERTO” leva a uma falsa ideia que o Exclusivismo em seu padrão clássico seja fechado para o diálogo, e além disso também não permita o direito “à diferença”<sup>50</sup>. Nerbas em seu ponto de vista procura refutar tal equívoco, distinguindo entre posições, afirmando que existe “uma grande distância”<sup>51</sup> entre aceitar diferenças, e entre “miscigenar” diferenças, pois em sua concepção isso é o que propõe e ocorre inevitavelmente no ecumenismo/diálogo inter-religioso, algo que a teoria do EXCLUSIVISMO ABERTO não pode/consegue resolver na visão de Nerbas.

O Prof. Nerbas ainda busca algumas combinações que emolduram melhor seu conceito, entretanto fogem a nossa ideia e necessidade. Basta conceber que para o mesmo a tese de Brakemeier mais sugere uma simbiose entre as posturas teológicas analisadas, porque: “Reúne elementos do inclusivismo e do pluralismo”<sup>52</sup> junto ao exclusivismo, o que a faz diferenciar-se de uma autêntica postura que poderia ser descrita como genuinamente exclusivista, sendo isso em qualquer uma de suas posições clássicas (cristológica ou eclesiológica).

---

<sup>48</sup> NERBAS, 2016, p. 197, grifo nosso.

<sup>49</sup> *Ibid*, p. 197.

<sup>50</sup> *Ibid*, p. 197.

<sup>51</sup> *Ibid*, p. 197.

<sup>52</sup> *Ibid*, p. 197.



## CONCLUSÃO

Esta pesquisa visou organizar de maneira satisfatória uma exposição autêntica e correta de um elaborado conceito, que devido ao seu tema, ganha cada vez mais espaço no cenário teológico atual. Propostas como a do EXCLUSIVISMO ABERTO do Dr. Brakemeier tem possibilidades reais de projeção em diversos segmentos cristãos da atualidade, levando-se já em conta um número expressivo de confissões que têm-se aberto concretamente para uma postura dialogal para com as demais religiões, especialmente as monoteístas.

Concluimos a partir da tese de Brakemeier que seu posicionamento é amplamente favorável ao diálogo inter-religioso, além de conceber e propor claramente uma nova proposta para se tratar do tema, a qual definiu como *ecumene* inter-religiosa. Também é fato que sua posição busca realmente ser alternativa para o cenário atual, pois confere uma dependência real para com a postura Exclusivista, inclusive salientando a necessidade de se anunciar as particularidades dogmáticas do cristianismo, não permitindo o abandono de nenhum valor axiomático sequer. Além disso salienta que as demais religiões devem da mesma forma condicionar ao diálogo suas particularidades, para que o objetivo do diálogo possa ser de fato uma relação recíproca entre as partes. Podemos ainda ousar, e dizer que para Brakemeier cabe até mesmo problematizar algumas questões nessa relação de conversação, porém, jamais permiti a possibilidade de que intrigas e inimizades de cunho partidarista intervenham nessa convivência. Cabe ressaltar por último, que propostas criativas (o EXCLUSIVISMO ABERTO) como a de Brakemeier normalmente se confrontam com posições dialéticas oriundas dos mais variados segmentos, onde críticas pontuais surgem apresentando características de formas mais indicativas, porém, em alguns casos também imperativas devido à falta de assimilação dos mesmos critérios descritos pelo autor – conflito que é facilmente percebido na abordagem do Dr. Nerbas, o qual salienta que na postura de Brakemeier surgem elementos de relativismo, algo inconcebível para um padrão Exclusivista no entendimento de Nerbas.

Devemos também ressaltar que a presente pesquisa dentro de sua limitação textual (capítulo XIV) e bibliográfica, visou ser sucinta, além de possuir (propositalmente) uma forma indicativa e não exaustiva de suas abordagens no âmbito do diálogo inter-religioso na visão de Gottfried Brakemeier. Desta maneira, possui algumas limitações temáticas mesmo se tratando de uma pequena parte do pensamento do referido autor, entre as quais podemos citar suas abordagens quanto aos conceitos de: macroecumenismo, ecumenismo das culturas, ecumenismo da justiça, teologia trinitária das religiões, sionismo, entre outros dados não abordados nesse estudo.

Portanto, cabemos frisar que o Exclusivista Brakemeier presenteia o meio teológico com uma significativa e robusta proposta de abertura dialogal para com o diferente e até mesmo estranho ao meio cristão. É corajoso e intrépido, pois em tempos de secularização assumi uma postura de princípios, valores e dogmas, sem medo de ser chamado de retrogrado, reacionário ou autoritário; ao mesmo tempo é ousado e provocador, pois em tempos também de fundamentalismo assumi uma postura de tolerância e igualdade, sem medo de ser chamado de liberal ou herege. Enfim, podemos constatar que o EXCLUSIVISMO ABERTO é uma teoria possível de ser analisada e testada pela Igreja de Jesus Cristo!

## **THE OPEN EXCLUSIVITY OF GOTTFRIED BRAKEMEIER: A BRIEF CONCEPTUAL EXAM**

### **ABSTRACT**

This work presents a brief bibliographical analysis of one of the works of Dr. Gottfried Brakemeier, entitled: Preserving the unity of the spirit in the bond of peace. Through this publication, it was tried to deal directly and objectively with the significant question of interreligious dialogue in the contemporary world, based on a variation of the Christian view of Exclusivist nuance, this being one of the most important classical positions of Christian soteriological positioning. The interpretation developed in this research is built from the XIV chapter of this work, where we begin with an analysis of Brakemeier's understanding of a theme so prominent today in the Christian theological medium: interreligious dialogue. In the second section, the central point of this research was analyzed, Brakemeier's thesis called OPEN EXCLUSIVENESS, and its implications for interreligious dialogue. Finally, concisely, a critical posture of another author of Lutheran denominational origin was examined; Dr. Paulo Nerbas – defender of classical Christological Exclusivism – presents deficiencies in Brakemeier's proposal, in this way, we analyze his position in the perspective of bringing contributions to this research. In this way, it was sought, laconically, to establish a fair and orderly interpretation of the theological position of Brakemeier that aims at the development of dialogical factors between the religions in the present time.

Keywords: Exclusivism. Brakemeier. Interreligious Dialogue.

### **REFERÊNCIAS**

AMALADOSS, Michael. *O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso*. Cadernos Teologia Pública. Ano II, n.10. Instituto Humanitas UNISINOS. São Leopoldo, RS.

BRAKEMEIER, Gottfried. *Preservando a unidade do espírito no vínculo da paz – Um Curso de Ecumenismo*. São Paulo: ASTE, 2004.

\_\_\_\_\_. A auto compreensão da igreja evangélica de confissão luterana no Brasil (IECLB) em confronto com o pluralismo social e religioso. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v.41, n.1, p. 6-15, jan./jun. 2011.

GASSMANN, Günther. *O futuro do movimento ecumênico com vistas ao ano 2000 – tarefas e oportunidades*. In: Estudos Teológicos 36. São Leopoldo: EST, 1996/2, p. 140-149.

GRAFF, Anselmo Ernesto (Org.). *O testemunho cristão num contexto de diálogo inter-religioso*. Porto Alegre: Editora Concórdia, 2007.

HILLE, Rolf. Como o Conselho Mundial de Igrejas Está Acabando com o Ecumenismo. *VOX SCRIPTURAE*. São Bento do Sul, v. XXII, n. 1, p. 168-172, 2014.

KÜNG, Hans. *Projeto de Ética Mundial – uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. São Paulo: Paulinas, 1992.

NERBAS, Paulo Moisés (Org.); GRAFF, Anselmo Ernesto. *Movimento Ecumênico e Diálogo Inter-religioso*. Canoas: ULBRA, 2016.

QUEIRUGA, Andrés Torres. *O diálogo das religiões*. São Paulo: Paulus, 1997.

VIGIL, José Maria. *Teologia do pluralismo religioso. Para uma releitura pluralista do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 2006.